

HÉRAKLES/MELQART: A FACE GREGA DE UMA DIVINDADE FENÍCIA¹



169

Rodrigo Araújo de Lima²

Resumo: Enquanto um dos cultos mais prestigiados na Antiguidade, a veneração grega e romana ao deus Héracles se estabeleceu sobre uma antiga liturgia fenícia dedicada ao deus Melqart. Com o suporte da epigrafia, da documentação textual e da cultura material arqueológica é possível estabelecer as diferenças e as proximidades dessas duas divindades. Nesse artigo apresentaremos algumas das principais teorias sobre a origem do culto desse ancestral divinizado até a sua identificação com o herói grego via *interpretatio graeca*, essa que culminou na identificação do Extremo Ocidente do Mediterrâneo enquanto as *Colunas de Héracles/Melqart*.

Palavras-chave: Melqart, Héracles, origem, liturgia, culto, Arqueologia, Epigrafia, Fontes Primárias.

Abstract: Whilst one of the most prestigious cults in Antiquity, the Greek and Roman worship to the god Herakles settle down on an ancient Phoenician liturgy dedicated to the god Melqart. With the support of epigraphy, textual documentation and archaeological material culture, it is possible to establish the differences and the proximities of these two deities. In this article we will present some of the main theories on the origin of the divinized ancestral until its identification as the Greek hero via *interpretatio graeca*, which culminated in the identification of the Far West of the Mediterranean as the famous *Herakles/Melqart Pillars*.

Keywords: Melqart, Herakles, origin, liturgy, cult, Archaeology, Epigraphy, Primary Sources.

Resumen: Como uno de los cultos más prestigiosos de la Antigüedad, la veneración griega y romana del dios Heracles se estableció sobre una antigua liturgia fenicia dedicada al dios Melqart. Con el apoyo de la epigrafía, la documentación textual y del material arqueológico, es posible establecer las diferencias y la proximidad de estas dos deidades. En este artículo presentaremos algunas de las principales teorías sobre el origen de la adoración de este ancestro deificado hasta su identificación con el héroe griego a través de *interpretatio graeca*, que culminó en la identificación del Extremo Occidente del Mediterráneo Oriental como las columnas de *Heracles/Melqart*.

Palabras clave: Melqart, Heracles, origen, liturgia, adoración, Arqueología, Epigrafía, Fuentes Primarias.

Dossiê

1 Esse artigo foi desenvolvido a partir de nossa Dissertação de Mestrado intitulada *As Colunas de Héracles/Melqart no Final da Idade do Bronze: o uso do SIG na compreensão a expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (séculos IX ao VI a.C.)* sob a orientação da Prof.^ª Dr.^ª Maria Cristina Nicolau Kormikiari (MAE-USP). O presente artigo tem, tanto uma parte íntegra recolhida do subcapítulo 3.3.1 no Capítulo 4 da dissertação, bem como um debate atualizado sobre a questão a qual discutimos.

2 Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo sob a orientação da Prof.^ª Dr.^ª Maria Cristina Nicolau Kormikiari (MAE-USP) e a coorientação do Prof. Dr. Romero Tori (POLI-USP), bolsista FAPESP processo 2018/08593-4. Membro do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA). Para consultar demais publicações do autor: <https://usp-br.academia.edu/RodrigoAraujoLima>. E-mail: rodrigo.araujo.lima@usp.br.



Deus solar, agricultor, navegante e colonizador. O deus do morrer e do renascer por excelência. Sendo uma das faces de Baal, reina tanto no espaço celeste quanto no espaço terrestre. Em sua *égersis*³ (em grego: ἔγερσις) – a ressurreição –, a divindade se põe e renasce pela graça de Astarte no infindável ciclo dos astros. Sua deidade irradia na órbita do firmamento, fazendo de Melqart, o verdadeiro *rei da cidade*.

Melqart é uma divindade razoavelmente nova no panteão tírio, não aparecendo nos textos de Ras Shamra e sendo comentado pela primeira vez no século X-IX a.C. em aramaico em uma estela do século IX a.C, encontrada no norte de Aleppo (KAI 201 apud RIBICHINI, 1999, p. 563; NEVILLE, 2007, p. 86). Sergio Ribichini (1999) afirma que na inscrição dedicada a Bir Hadad, rei de Aram, na atual Síria, a divindade recebe inicialmente a alcunha de *deus guerreiro*.

Por outro lado, conhecemos muito mais o deus tírio, tal como aponta Elena Moreno Pulido (2009, p. 1) como uma divindade essencialmente ligada à vegetação e à fertilidade. A autora pondera que Melqart poderia ser uma assimilação de deuses ancestrais como Yam ou Baal. De acordo com seus atributos frutíferos e passionais, comuns nas divindades orientais, o deus ressuscitaria a cada primavera e morria a cada inverno. Ainda segundo a autora, na Sírio-Palestina Melqart acumulou junto aos atributos agrários, características marinhas, colonizadoras e civilizadoras, essas que convergiram em seu título como deus do comércio, dos navegantes e da navegação ultramarina (MORENO PULIDO, 2009, p. 1).

MELQART, BAAL DE TIRO (MLQRT B'L SR)

Melqart (MLQRT) se traduz como *rei da cidade* sendo o prefixo (MLK) o título de *rei* e sufixo (QRT), *cidade*. Possivelmente pode ter sido vocalizado enquanto / *miqi* / ou / *melq* / (Rei) e / *qart* / (Cidade). Para Ann Neville (2007) seu nome faz com que se pense que a palavra QRT remeta diretamente à cidade de Tiro, em estreita relação com a dinastia governante, sendo representado enquanto arquétipo do rei de Tiro, responsável pelo bem-estar e proteção de seus súditos (NEVILLE, 2007, p. 86) No entanto, em vista

3 Utilizaremos em todo o texto a proposta de Anna Lia do Amaral Almeida Prado (2006) na transliteração dos termos em língua grega, sendo uma metodologia também aplicada no Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga.



de suas características ctônicas, o termo *cidade* também pode ser interpretado como o mundo dos mortos, segundo as tradições mesopotâmicas (RIBICHINI, 1999b, p. 563).

Mesmo sendo uma das mais jovens divindades do panteão fenício, as origens de Melqart são antigas, remontando ao 2º e 3º milênios. Os MLQ que governaram a Siro-Palestina teriam sido divinizados após suas respectivas mortes e colocados enquanto ancestrais dos monarcas reinantes. Os arquivos de Ugarit se referem a esses reis mortos enquanto / *rephaim* /, ancestrais que tinham um status privilegiados entre os mortos, sendo invocados pelos reis vigentes para retornarem à sua cidade e proverem a fertilidade da terra e a cura dos doentes (NEVILLE, 2007, p. 86).

No século X a.C., o rei Hiram I de Tiro instaura a grande festividade da *égersis* em homenagem a Melqart em comemoração à morte, ressurreição e o seu despertar, dessa divindade de origens humanas divinizada pelos tírios se tornando um deus completo (NEVILLE, 2007, p. 86). Segundo Kormikiari, (2017, p.115) Heródoto (II, 44) é uma importante fonte acerca do culto de Melqart. De acordo com seu relato, os tírios prestavam homenagem à divindade como se ela fosse um herói que teria sido um mortal. A autora prossegue relembrando que Menandro de Éfeso, esse que por sua vez é citado por Flávio Josefo (*Antiguidade Judaica.*, VIII, 146) narra a destruição de vários templos em Tiro, por parte do rei Hiram, contemporâneo a Salomão, para que novos locais de culto fossem dedicados à honra a Hércules (i.e. Melqart?) e Astarte. O rei Hiram teria sido o primeiro a celebrar a *égersis* de Hércules no mês *perítios* (i.e. fevereiro-março).

Segundo Corinne Bonnet (1988, p. 37) o festim ocorria entre dezesseis de fevereiro e dezessete de março e não seria o único que aconteceria em homenagem ao deus, Ribichini (1999, p. 565) afirma que em Tiro haveriam jogos ginásticos celebrados a cada cinco anos em honras a Melqart.

No Extremo Ocidente, ambiente também tocado pelos navegantes semíticos é provável que os tírios, juntamente no ato de fundação de Gádir, atual Cádiz – arqueologicamente atestada como sendo, até o presente momento, uma fundação do século IX a.C. – também delimitaram uma área para a construção de um templo dedicado ao deus. Possivelmente localizado na ilha da atual Sancti Petri, ao sul do antigo arquipélago das ilhas Gadeiras, esse templo estaria associado com os outros demais lugares de culto que existiram em Gádir, como o de Baal, supostamente localizado na ilha de Cotinussa, e o de Astarte, identificada enquanto Afrodite pelos gregos também supostamente localizado na ilha de Eritéia. Podemos refletir sobre a possibilidade de o

templo estar estritamente relacionado a um ritual, conhecido como égersis que aconteceria duas vezes por ano (LIMA, 2018).



O templo provavelmente possuísse visão dos navegantes que chegavam à Baía de Cádiz, mas que, no entanto, teria pouca visão das terras do interior da Península Ibérica, se fazendo portanto um marco referencial para aqueles que se aproximavam de Gádir (LIMA, 2018).

Em oposição à Bonnet (1988, p. 37) María Eugenia Aubet (2001, p. 154) afirma que o culto aconteceria na primavera, logo após o fim da temporada de chuvas, assim é possível considerar a divindade como tendo tanto atributos solares como agrícolas. José Luis Escacena Carrasco (2009, p. 112) aponta a égersis como sendo celebrada em algum momento entre fevereiro e março. No entanto, o próprio autor reconhece que há divergências referentes a quantas vezes a mesma era realizada e quais eram suas datas, essas que poderiam variar ao longo do ano, transferindo o culto para os meses de junho ou dezembro (ESCACENA CARRASCO, 2009, p. 112).

De acordo com Alfredo Mederos Martín (2015, p. 194) o culto duraria três dias e a entrada de estrangeiros na cidade estaria proibida tal como relata o geógrafo e historiador Pausânias em sua obra *Descrição da Grécia*, escrita em meados do século II d.C., (10, 4.6):

Κλέων δὲ ἀνὴρ Μάγνης, οἱ τῶ Ἑρμῶ προσοικοῦσιν, ἔφρασκεν ἐς τὰ παράδοξα ἀπίστους εἶναι τῶν ἀνθρώπων οἷς ἂν μὴ παρὰ τὸν αὐτῶν γένηται βίον θεάμασιν ἐπιτυχεῖν λόγου μείζουσιν: αὐτὸς δὲ καὶ Τιτυὸν καὶ ἄλλους ἔφη πείθεσθαι γεγονέναι κατὰ τὴν φήμην: τυχεῖν γὰρ δὴ ὧν ἐν Γαδείροις, καὶ ἐκπλεῦσαι μὲν αὐτὸς τε καὶ τὸν ἄλλον πάντα ὄχλον ἐκ τῆς νήσου κατὰ τὸ Ἡρακλέους πρόσταγμα, ὡς δὲ αὐθις ἐπανήκειν ἐς τὰ Γάδαιρα, ἄνδρα εὐρεῖν θαλάσσιον ἐκπεπτωκότα ἐς τὴν γῆν: τοῦτον πλέθρα μὲν πέντε μάλιστα ἐπέγειν, κεραυνωθέντα δὲ ὑπὸ τοῦ θεοῦ καίεσθαι. (Versão de SPIRO, 1903)

Cleon of Magnesia on the Hermus used to say that those men were incredulous of wonders who in the course of their own lives had not met yet greater marvels. He declared that Tityos and other monsters had been as tradition says they were. He happened, he said, to be at Cadiz, and he, with the rest of the crowd, sailed forth from the island in accordance with the command of Heracles;1 on their return to Cadiz they found cast ashore a man of the sea, who was about five roods in size, and burning away, because heaven had blasted him with a thunderbolt (Tradução de JONES, LITT e ORMEROD, 1918).

Cleón da Magnésia, sobre os Hermos costumava dizer que aqueles homens eram incrédulos das maravilhas que encontravam ao longo



de suas vidas. Ele declarava que Tício e outros monstros tinham sido como tal as tradições os narravam. Em um acaso esteve nas ilhas Gadeiras e ele com o resto de sua tripulação teria partido da ilha sob o comando de Hércules (i.e. os habitantes teriam fechado a cidade para estrangeiros para a realização do culto da égersis), em seu retorno para a cidade, eles encontraram um homem nas praias, este que teria ao menos cinco pléthra de tamanho e queimava longe porque os céus lançaram um raio sobre o tal (Tradução nossa da versão inglesa, 2019).

Tal como acontece no relato, a liturgia consistiria na imolação do deus em meio a um ritual final de sua cremação, tendo como intenção o seu renascimento e imortalização pela virtude do fogo (AUBET, 2001, p. 153-154). Para Bonnet (1988, p. 79) haveria, no primeiro dia, uma sucessão de eventos rituais onde o deus era queimado em uma pira. Ao lado dessa, haveria um altar onde se realizavam oferendas animais e vegetais. No segundo dia o deus era enterrado na presença de seus sacerdotes, do rei e de um personagem feminino, possivelmente uma sacerdotisa, que usaria chifres e um cetro representando Astarte, a deusa par de Melqart. No amanhecer do terceiro dia o deus ressuscitaria com dois pássaros em suas mãos.

No entanto, para Mederos Martín (2015, p. 194) na primeira noite da liturgia as mulheres realizavam as celebrações, realizando vigílias, lamentações e banquetes fúnebres. No segundo dia, as fenícias seguiam em procissão em direção ao mar levando a imagem do deus morto em madeira até a costa e lá o incendiavam. No terceiro dia ocorria a ressurreição do deus.

Pelas divergências existentes entre os autores modernos sobre como eram realizadas as celebrações, tudo leva a crer que poderiam existir diferentes liturgias entre Tiro, Gádir e possivelmente nas demais fundações fenícias. No entanto é perceptível a existência de um arquétipo litúrgico da celebração, tal como a constituição de três dias de eventos, em um, ou dois, períodos do ano. A mudança de estação também parece-nos ser um dos cânones dessa cerimônia, sendo a primavera a mais recorrente. Possuindo também aspectos cômicos, o ato de imolação pública da imagem do deus para os fiéis representaria o início de um período fértil, onde a terra estaria no ápice de sua fecundidade.

Em Tiro, no interior da celebração aconteceria o *hieros gamos* (em grego: *ιερός γάμος*) momento em que o monarca participava das festas e unia-se à uma sacerdotisa de Astarte ou à própria rainha, interpretando a união entre Melqart e Astarte (AUBET, 2001, p. 154). Mederos Martín afirma que a união acontecia durante a morte do deus (2015, p. 194). Haveria também nessa celebração um indivíduo encarregado por realizar a ressurreição da divindade.

Conhecido como MQM'LM, esse sacerdote era o principal responsável pela liturgia da égersis de Melqart. Seria, segundo Escacena Carrasco (2009, p. 111), o conhecedor máximo do ciclo do Sol. Provavelmente se trataria de um astrônomo encarregado de anunciar aos sacerdotes a morte do deus, tendo como base a contagem dos dias e a leitura das estrelas. Da égersis há/houve apenas um vaso de mármore, de Sídon (fig. 1), datado do século IV a.C. que narra as práticas da celebração, lamentavelmente perdido durante a Segunda Guerra.

Escacena Carrasco aponta o personagem principal desse vaso como sendo Baal, no entanto essa divindade poderia designar Melqart, uma vez que ambas possuem qualidades solares e muitas vezes se confundem pela alcunha B'L (2009, p. 110). As inscrições do Vaso de Sídon dão conta de assegurar a vinculação de Melqart com o fogo pelo epíteto B'L KR. Segundo Elena Moreno Pulido (2011), como elemento ambivalente o fogo favorece tanto a vida como a morte. O corpo decadente de Melqart seria então imolado pelas chamas para a renovação de suas energias criacionais tal qual é feita a queima (queimada) dos campos para seu retorno mais fértil (MORENO PULIDO, 2011, p. 106).

O Vaso de Sídon desapareceu do Museu de Berlim durante a Segunda Guerra Mundial, o que impossibilita sua pesquisa em busca de uma melhor compreensão das práticas litúrgicas da égersis. Afortunadamente foram realizadas fotografias das faces do vaso que representam diferentes momentos da celebração.

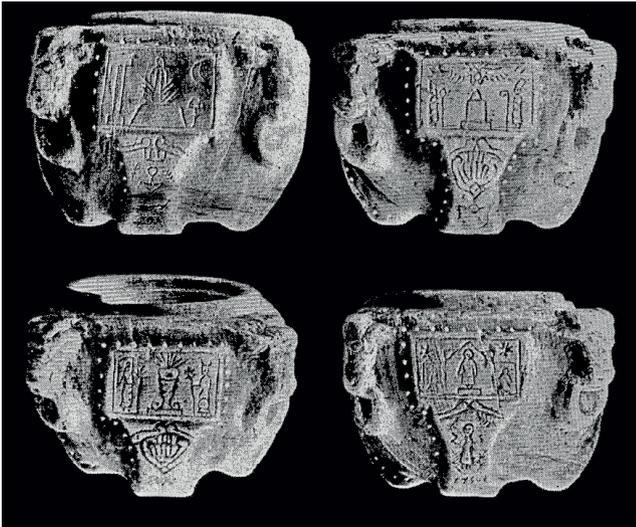


Fig. 1 – Vaso de Sídon. Cores invertidas para facilitar a visualização da decoração (ESCACENA CARRASCO, 2009, p. 108). Editado por Rodrigo de Lima, 2019.



A partir dos apontamentos anteriores, consideramos o templo de Melqart, estritamente vinculado com o santuário de Astarte. Dessa maneira, pensamos na possível coexistência de ambos desde os momentos iniciais da fundação de cidades fenícias como no caso de Gádir (MEDEROS MARTÍN, 2015, p. 194).

No século VII a.C., o deus aparece como *Milqartu*, sendo junto a Eshmun, mediador de um acordo entre o rei de Tiro, Baal, e o rei da Assíria, Assaradão. Caso o tratado fosse descumprido, as duas divindades puniriam o transgressor, destruindo suas terras e escravizando seus povos. O desobediente ainda seria privado de alimentação, roupa e azeite (SAA 2, 5 IV: 14; ANET, 534 apud RIBICHINI, 1999, p. 563). Em uma outra inscrição do século IX a.C., o deus é atestado como *Melqart Senhor de Šūr⁴* (MLKRT BSR) (BORDREUIL 1990, p. 19 apud RIBICHINI, 1999, p. 563).

HÉRACLES ARQUEGUETA (Ηρακλής αρχηγέτης)

De acordo com a interpretação de Manuel Álvarez Martí-Aguilar (2014), baseado no relato de Pompeu Trogo (44.5) a difusão do culto de Melqart na Ibéria teria acontecido anteriormente à fundação de Gádir. Esse mesmo autor afirma que a cidade de Carteia, na atual San Roque, seria uma possível candidata para o estabelecimento de uma fundação consagrada a Melqart. Segundo essa interpretação Carteia teria sido fundada pelos gadiritas (i.e. os habitantes de Gádir) que principiavam sua expansão pelas orlas atlânticas e mediterrânicas e era referida pelos autores antigos enquanto *Heraclea*, por se crer que a mesma teria sido fundada por Hércules (2014, p. 26).

ἐνταῦθα δὴ ὄρος ἐστὶ τῶν Ἰβήρων τῶν καλουμένων Βαστητανῶν, οὗς καὶ Βαστούλους καλοῦσιν, ἡ Κάλπη, τῇ περιοχῇ μὲν οὐ μέγα τῷ δ' ὕψει μέγα καὶ ὄρθιον ὥστε πόρρωθεν νησοειδὲς φαίνεσθαι. ἐκπέουσιν οὖν ἐκ τῆς ἡμετέρας θαλάττης εἰς τὴν ἕξω δεξιὸν ἐστὶ τοῦτο, καὶ πρὸς αὐτὸ Καρτηία πόλις ἐν τετταράκοντα σταδίοις ἀξιόλογος καὶ παλαιά, ναύσταθμὸν ποτε γενομένη τῶν Ἰβήρων. ἔνιοι δὲ καὶ Ἡρακλέους κτίσμα λέγουσιν αὐτήν, ὧν ἐστὶ καὶ Τιμοσθένης, ὅς φησι καὶ Ἡράκλειαν ὀνομάζεσθαι τὸ παλαιόν, δείκνυσθαι τε μέγαν περίβολον καὶ νεωσοίκους. (ESTRABÃO, Geografia. 3.1.7, versão de MEINEKE, 1877).

Here is situated Calpe, the mountain of the Iberians who are denominated Bastetani, by others Bastuli. Its circumference is not large, but



it is so high and steep as to resemble an island in the distance. Sailing from the Mediterranean into the Atlantic, it is left on the right hand. At a distance of 40 stadia from this [mountain] is the considerable and ancient city of Carteia, formerly a marine arsenal of the Iberians. Some assert that it was founded by Hercules; of this number is Timosthenes, who tells us it was anciently called Heraclæa, and that vast walls and ship-sheds are still shown. (ESTRABÃO, Geografia. 3.1.7, tradução de HAMILTON e FALCONER, 1903).

Ali se situa o Calpe (Rochedo de Gibraltar), montanha que os iberos denominaram como Batestani, por outros bástulos. Sua circunferência não é grande, mas é alta e à distância se parece com uma ilha. Navegando do Mediterrâneo para o Atlântico se encontra do lado direito. Há uma distância de 40 estádios (medida de percurso equivalente a 177,60m) de lá (da montanha) se encontra a considerável e antiga cidade de Carteia, anteriormente um arsenal marinho dos iberos. Alguns afirmam que foi fundada por Hércules, tais como Timóstenes que nos diz que antigamente se chamava Heracléia e que vastas muralhas e uma neoria ainda são vistos (almirante de Ptolomeu II). (ESTRABÃO, Geografia. 3.1.7, Tradução nossa, 2019).

Não são novas as especulações acerca do nome de Carteia, Drietch (1936) e Millás (1941) de acordo com Martí-Aguilar (2014, p. 27) já consideravam Carteia enquanto uma nomeação teofórica, podendo ser a abreviação de MLQRTYH (i.e. Ilha de Melqart?).

Já em Malta no século II a.C. uma inscrição bilingue (KAI 47) (fig. 2) revela Melqart como sendo equivalente a Hércules ἀρχηγέτης⁵. Essa mesma epígrafe considera o deus como sendo o *Baal de Šūr* (B'L SR). Aqui relembramos que Baal, além de ser o deus supremo do panteão fenício, também se traduz com o título honorífico de *Senhor/Chefe*, fazendo de Melqart o *Senhor de Tiro*.

⁵ De acordo com a definição do glossário do LABECA, arquegueta (em grego: ἀρχηγέτης) seria o iniciador, fundador, epíteto de Apolo.



Fig. 2 – Um dos *cippi* de Malta no Museu do Louvre. As inscrições bilíngues inicialmente no topo em fenício e na base em grego. A imagem foi modificada para uma melhor identificação da escrita na base. Disponível em: <https://tinyurl.com/y248otgz>, acessado em 04/09/2019. Editado por Rodrigo de Lima, 2019.

1. L' DNN LMLQRT B' L SR 'S NDR
2. 'BDK 'BD 'SR WH' Y 'SRSMR
3. SN BN SRSMR BN B' D' SR KSM'
4. QLM YBRKM



Versão⁶:“(1) *A nosso senhor, a Melqart, senhor de Tiro: (isto é) o que fez (2) seu servo Abdosiri e seu irmãos Osirisama, (3) os dois filhos de Osirisamar, filhos de Abdosiri; porque ele ouviu (4) sua voz. Que ele os abençoe!*” De acordo com Sznycer (1975, 195).

1. ΔΙΟΝΥΣΙΟΣΚΑΙΣΑΡΑΠΙΩΝΟΙ
2. ΣΑΡΑΠΙΩΝΟΣΤΥΡΙΟΙ
3. ΗΡΑΚΛΕΙΑΡΧΗΓΕΤΕΙ

Versão:“(1) *Dionísio e Serápcion, os (filhos) (2) de Serápcion, Tírios; (3) a Hércules Arquegueta*”. De acordo com Sznycer (1975, 195).

Esse sincretismo religioso e o conceito de que esse deus foi um dia um homem, pode ser a chave para a compreensão de como Melqart será interpretado pelos helênicos e pelos latinos (NEVILLE, 2007, p. 86). O Hércules grego e Hércules romano, são heróis divinos, que assim como Melqart foram tanto mortais quanto imortais.

Ao tratar sobre os modelos de atividades econômicas nas sociedades antigas, Eleftheria Pappa (2010) comenta que os templos teriam papel central para assegurar tratados comerciais, ao passo que essa também seria fortalecida por laços familiares que garantiriam a segurança do comércio, especialmente os dedicados a Melqart. A autora aponta que as sanções sobrenaturais, tais como juramento aos deuses eram características endógenas das sociedades antigas. Para tanto, Pappa apresenta o exemplo do tratado regulado por forças divinas que selaram o acordo de vassalagem entre o rei assírio Assaradão e o príncipe tírio Ba’álu na primeira metade do século VII a.C. Esse acordo advertia que se fosse quebrado incorreria na fúria dos deuses causando naufrágios em meio a uma tempestade de ventos.

À baila da questão dos contratos, Pappa afirma que o sincretismo religioso poderia também regular os mecanismos econômicos, no que ela define como *an investment in trust* (investimento baseado na confiança) uma vez que fundia cultos e divindades patronas para a proteção das negociações

6 Salientamos que as versões em língua portuguesa aqui apresentadas, tanto a primeira que se encontra em fenício e a segunda, em grego, foram feitas diretamente da tradução do francês visto que o artigo original de Maurice Sznycer (1975) se encontra nessa língua.

bem como também reduziriam os custos e facilitariam a troca tecnológica (2010, p. 284-285).

Os templos de Melqart são intimamente ligados com a empresa expansionista. Segundo Diodoro Sículo (20.14.1) Melqart, referido em uma passagem enquanto Hércules, acompanhava a fundação das novas cidades. Dada a sua função, seus santuários estão sempre em relação ao mar, em ambientes que pudessem ser frequentados por marinheiros e comerciantes. A fundação de assentamentos é geralmente acompanhada pelo estabelecimento desse lugar sagrado. Diferentemente de Astarte, Melqart não fez parte dos cultos indígenas (NEVILLE, 2007, p. 87).

Pappa comenta que os monumentos dedicados a Melqart, onde postos de comércio fenício conhecidos como MQM, possivelmente vocalizado enquanto / *maqom* / teriam sido instalados provavelmente para estender o culto para as comunidades não-fenícias de maneira a fomentar as trocas comerciais (2010, p. 285). De acordo com Cristina Kormikiari, o / *maqom* / seria um santuário-empórico, isto é, tanto poderia ser parte de um centro religioso como também gerenciaria as práticas comerciais e os acordos (KORMIKIARI, 2015, p. 88).

Desse sincretismo religioso temos o exemplo de uma outra localidade que teria sido supostamente frequentada pelas comunidades fenícias como a ilha de Tasos onde foi erguido um grande Heracleion localizado a sudoeste da ágora da cidade, na entrada principal da ásty⁷ (em grego: ἄστυ) de Limenas. Juliana Hora (2018) nos lembra que de acordo com Heródoto (*Histórias*, Livro II, 44) Hércules era talvez o maior dos deuses de Tasos protetor da cidade e essa divindade masculina era frequentemente representada nas moedas e sua adoração teria sido, segundo as tradições lendárias, implantadas pelos fenícios (cf. Hora, 2018).



7 De acordo com a definição do glossário do LABECA, ásty (em grego: ἄστυ, εως (τό)) seria a cidade, em oposição ao campo; área “urbana” da cidade grega.



Fig. 3 – Um dos cinco *ex-votos* encontrados nas proximidades da ilha de Sancti Petri. Pode-se notar as características egípcias. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5hlkxpd>, acessado em 15/09/2019. Editado por Rodrigo de Lima, 2019.

O ambiente sagrado dos templos dedicados a Hércules/Melqart faria parte de uma estratégia para o firmamento de tratados com outros povos, tais como se acredita que ocorreu na Península Ibérica. Sob a égide da divindade, o comércio era realizado estabelecendo relações entre alóctones e autóctones. Segundo Neville (2007, p. 87) Heródoto (II.115) sugere que os templos fenícios eram locais de asilo para os viajantes que naufragavam, assim como também ofereceriam a prática da prostituição sagrada de ambos os sexos, prática de hospitalidade que pode ter corroborado para a frequência desses ambientes sagrados.

No que tange as práticas litúrgicas e seus participantes Zamora López (2017) identifica o MQMLM, provavelmente vocalizado enquanto / *mī-qim`ēlim* / oficial diretamente vinculado à *égersis* durante o culto de Melqart. Por meio de evidências epigráficas em grego que indicam que no ritual de ressurreição do Hércules tírio, haveria um responsável pelo culto. Esse oficial seria o *egerseítēs tou Hērakléous* equivalente ao / *mīqim`ēlim* /. O autor nota



que frequentemente a essa ocorrência há uma segunda expressão, MTRH¹Š-TRNY, essas que ajudam a detalhar o papel do oficial. Interpretada enquanto uma possível referência a Astarte. Assim Zamora López (2017, p. 66) propõe que durante esses rituais, o / *miqim`elim* / consumaria o casamento das duas divindades, essas que representavam também a monarquia e o sacerdócio. Para surpir a falta de um vocábulo fenício para o nome dessa festividade, Kormikiari nos apresenta o termo / *marzeah* / ou / *marzeh* /, utilizando tanto no hebreu, ugarítico, no fenício, no púnico e no arameu para, de acordo com a autora “designar a celebração litúrgica de um banquete que comportava também um sacrifício em honra a uma divindade” (KORMIKIARI, p. 139).

De fato, na atual Cádiz os vestígios arqueológicos encontrados nas praias da cidade evidenciam um numeroso acúmulo de inumações e cremações associados a poços secos ressignificados como depósitos sagrados e restos faunísticos que teriam sido consumidos, tais como vinho, incensos, azeite e óleos aromáticos (cf. LIMA, 2018, p. 256-402). Também são encontrados sacrifício de animais que corroboram com a prática litúrgica que os gadiritas celebrariam para seus mortos em um banquete em honra ao morto ou dedicado para uma divindade. O termo / *marzeah* /denota tanto o festival quanto o corpo religioso. Supõe-se que era constituído apenas de um pequeno grupo das grandes famílias fenícias (MARKOE, 2000, p.120; KORMIKIARI, 2004, p.139; NEVILLE, 2007, p. 73-74).

Do templo de Melqart gadirita, posteriormente conhecido como *Hercules Gaditanus*, arquitetonicamente nada restou, arqueologicamente foram recuperados apenas cinco *ex-votos* que representariam a imagem da divindade (fig. 3) assim como algumas poucas estátuas de bronze de período posterior, visto que esse grande templo, foi intensamente visitado por importantes personagens, indo desde Aníbal a Júlio César. O templo supostamente teria sido destruído por Alí ben `Isá ben Maymūn em 540 d.C., contudo, sua monumentalidade foi imortalizada nos versos do poeta Abu Utman al-Saduni (apud ALMAGRO-GORBEA, 2014, p. 162):

(...) hay un negro que está de pie en la cima de un pináculo, / como si sobre él estuviera crucificado el viento. / Adelanta la pierna derecha y casi la alza, / como quejándose de un esfuerzo descomunal. / En la diestra presenta una llave que tú tomarías por ofrenda, / si no fuera porque él está compungido. / Y un pergamino en la izquierda, mano que lleva cerrada como si nos quisiera ocultar su contenido. De la mar señala el poniente y su región / mirando erguido hacia el ocaso del sol [...] / Os digo que en sus noticias hay un portento, / así que no preguntéis / si es de oro o de latón (...).



(...) há um negro que está de pé sobre um pináculo, como se o vento o crucificasse. Avança com a perna direita quase para cima. Como estivesse fazendo um esforço descomunal. Na mão direita apresenta uma chave que tu tomarias como oferta, se não fosse porque ele está pesaroso. E um pergaminho na esquerda, mão que leva cerrada como se quisesse ocultar seu conteúdo. Do mar aponta para o oeste e sua região, mirando erguido o pôr-do-sol (...). Os digo que em suas notícias há algo de espetacular, assim, não me pergunte se era de ouro ou de latão (...). (Tradução nossa).

De acordo com Moreno Pulido, Melqart/Héracles é a verdadeiro deus titular da região extremo ocidental do Mediterrâneo. A autora afirma que o mito do oráculo de Tiro, cidade natal da divindade teria sido uma das razões para que o Estreito de Gibraltar ficasse conhecido como *Colunas de Hércules* (2009, p. 1).

No entanto, para Pappa, no que concerne o Ocidente da Bacia Mediterrânica o termo *Colunas de Hércules/Hércules* não faz alusão ao grupo rochoso que limita o Mar Mediterrâneo (no caso, o Rochedo de Gibraltar e a colina de Ceuta). Para a autora, esse termo seria apenas um jogo poético de palavras sobre os templos erigidos pelos fenícios em Gádir (Espanha) e em Lixus (Marrocos). Teria sido portanto a *interpretatio graeca* das empresas fenícias uma vez que as expedições de Hércules teriam acontecido na mesma região (2010, p. 285).

REFLEXÕES FINAIS

Nesse artigo tivemos como intenção apresentar Melqart/Héracles enquanto uma divindade que fez parte do circuito de interações mediterrânicas, servindo enquanto um agente importante na empresa da expansão marítima, bem como na mediação entre comunidades alóctones e autóctones. Ao passo que a religiosidade se estabelece enquanto um ponto de contato entre os diferentes, os ritos funcionariam também como um mecanismo de diferenciação. Tal como fica evidente no relato de Cleón da Magnésia que é obrigado, junto à sua tripulação, a se afastar de Gádir, provavelmente, ordenado pelos habitantes e o sacerdote da cidade. Esse relato demonstra como o corpo cívico se comportaria no momento das festividades religiosas. Essa divindade que morre e ressuscita pela virtude fogo também se apresenta enquanto um elemento essencial para o estabelecimento de festividades que marcavam o início de uma nova estação, guiando o calendário por meio da rota dos astros. Assim, era reservado para a intimidade da comunidade fenícia o júbilo e luto da liturgia da



morte e renascimento de Melqart. Fato que teria auxiliado no fortalecimento da identidade local perante os estrangeiros. Pelo seu ciclo de viver, morrer e renascer, Melqart/Héracles se tornou um símbolo de potência, de expansão e fundamentalmente de conexão se mesclando às diferentes cosmovisões das mais variadas comunidades mediterrânicas.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer inicialmente a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento concedido durante o período da escrita de nossa dissertação de Mestrado, que culminou nesse artigo. E também gostaríamos de agradecer a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo fomento atual de nossa tese em nível de Doutorado, pesquisa que mantém seu foco na compreensão das dinâmicas entre as comunidades que se estabeleceram na Ibéria na Antiguidade e dialoga intrinsecamente com o presente artigo.

REFERÊNCIAS

Dossiê

Fontes primárias

DIODORUS SICULUS. **Library of History**. Tradução de Russel M. Geer. Cambridge; London: Harvard University Press, 2006.

FLAVIUS JOSEFUS. **The Works of Flavius Josephus**. Tradução de William Whiston. Edinburgh: Nimmo. 1865.

HERODOTUS. **The Histories**. Tradução de A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

PAUSANIAS. **Descriptions of Greece**. Tradução de W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

PAUSANIAS. **Pausaniae Graecia Descriptio**. SPIRO, F. Leipzig, Teubner, 1903.

STRABO. **Geography**. Tradução de H.C. Hamilton e M.A. Falconer. London: George Bell & Sons, 1903.

STRABO. **Geographica**, MEINEKE, August (ed.) Leipzig: Teubner, 1877.

Obras Arqueológicas e Historiográficas

PRADO, A. L. A. Normas de transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica. Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. V. 19, n. 2, 2006, p. 298-299.

ALMAGRO-GORBEA, Martín. La tumba de Melqart del Herákleion de Gadir. **Madrid Mitteilungen, Wiesbaden**, v. 53, p. 159-202, 2014.



ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia; MORENO PULIDO, Elena. La imagen proyectada de Gadir a través de sus monedas. In: DOMÍNGUEZ PÉREZ, J. C. **Gadir y el Círculo del Estrecho revisados: propuestas de la arqueología desde un enfoque social**. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2011, p. 339-373.

AUBET, María Eugenia. **The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BONNET, C. Melqart. Cultes et mythes de l'Héraclès tyrien en Méditerranée. **Revue des Études Anciennes**, Leveun, Tome 92, n. 3-4, 1988. p. 446-449.

ESCACENA CARRASCO, José Luis. La égersis de Melqart. Hipótesis sobre una teología solar cananea. **Complutum**, v. 20, n. 2, 2009, p. 95-120.

HORA, Juliana. **A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica**. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2018.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Expansão fenício-púnica no Mediterrâneo Central e Ocidental: realidades próximas e distintas. **Phoënix**, Rio de Janeiro, 21-1, p. 86-101, 2015.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Jogos fenício-púnicos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 29, p. 112-118, 2017.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. **O comércio, as trocas e o sistema do dom entre os fenícios**. In: **Interação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo**. Ed. UES, 2004. P. 127-154.

LIMA, Rodrigo Araújo de. 2018. **As Colunas de Hércules/Melqart no Final da Idade do Bronze: o uso do SIG na compreensão a expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (séculos IX ao VI a.C.)**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MARKOE, G. E. **The Phoenicians**. British Museum Press: Londres, 2000.

MARTÍ-AGUILAR, Manuel Álvarez. Hijos de Melqart. Justino (44.5) y la *koiné* entre los siglos IV y III a.C. **Archivo Español de Arqueología**, v. 87 2014, p. 21-40.

MEDEROS MARTÍN, Alfredo. La fundación de la ciudad de Gadir y su primer santuario urbano de Astarte-Afrodita. **ISIMU**, v. 13, p. 183-199, 2015.

MORENO PULIDO, Elena. Hércules en el Hades. Iconografía Hercúlea en las monedas de la necrópolis de Gadir. In: CAMPO, Marta. (org.). **Mites, ofrenes funeràries i monedes**. **XV Curs d'història monetària d'Hispania**. Barcelona: Museu Nacional d'art de Catalunya, 2011, p. 103-124.

MORENO PULIDO, Elena. Melkart – Herakles y sus distintas advocaciones en la Bética costera. **XIII International Numismatic Congress**, Glasgow, 2009.

NEVILLE, Ann. **Mountains of Silver & Rivers of Gold: The Phoenicians in Iberia**. Vancouver: Oxbow Books, 2007.

PAPPA, Eleftheria. **Early Iron Age exchange in the West, Phoenicians the Mediterranean and the Atlantic**. (unpublished thesis) Oxford: University of Oxford, 2010.

RIBICHINI, Sergio. Beliefs and Religious Life. In: MOSCATI, S. **The Phoenicians**. New York: Rizzoli, 1999a, p. 120-152.



RIBICHINI, Sergio. Melqart. In: VAN DER TOORN, K. et al. **Dictionary of Deities and Demons in the Bible**. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999b, p- 563-565.

SZNYCER, Maurice. Antiquités et épigraphie nord-sémitiques. In: **Annales de l'École pratique des hautes études**, p. 191-208, 1975.

WAGNER, Carlos. Santuarios, territorios y dependencia en la expansión fenicia arcaica en Occidente. **Arys**, v. 3, 2000, p. 41-58.

ZAMORA LÓPEZ, José Ángel. The miqim elim. Epigraphic evidence for a specialist in the Phoenician-Punic cult. **Rivista di Studi Fenici**, Roma, XLV, 2018.

Sites

Labeca

Disponível em: <https://tinyurl.com/y5t83jkh> acessado em 04/08/2019.

Perseus Digital Library

Disponível em: <https://tinyurl.com/367pgk> acessado em 06/08/2019.